

XLVIII
CULTO FAMILIAR

Talvez que a praticantes do Espiritismo não fosse tão surpreendente a reunião a que compareci, em casa de Lírias. Aos meus olhos, porém, o quadro era inédito e interessante.

Na espaçosa sala de estar, reunia-se pequena assembleia de pouco mais de trinta pessoas. A disposição dos móveis era a mais simples. Enfileiravam-se poltronas confortáveis, doze a doze, frente ao estrado, onde o Ministro Clarence assumira posição de diretor, cercando-se da senhora Laura e dos filhos. A distância de quatro metros, aproximadamente, havia um grande globo cristalino, da altura de dois metros presumivelmente, envolvido, na parte inferior, em longa série de fios que se ligavam a pequeno aparelho, identico aos nossos alto-falantes.

Numerosas indagações me bailavam no cérebro.

Na sala extensa, cada qual tomara lugar adequado, mas observava conversações fraternas em todos os grupos.

Achando-me ao lado de Nicolas, antigo servidor do Ministério do Auxílio e íntimo da família de Lírias, ouvi perguntar alguma coisa. O companheiro não se fez rogado e esclareceu:

— Estamos prontos, contudo, aguardamos a ordem da Comunicação. Nossa irmão Ricardo está na fase da infância terrestre e não lhe será difícil desprender-se dos fios físicos, mais fortes, por alguns instantes.

— Mas virá ele até aqui? — indaguei.

— Como não? — revidou o interlocutor — nem todos os encarnados se agrilham ao solo da Terra. Como os pombos-correios que vivem, por vezes, longo tempo de serviço, então duas regiões, espíritos há que vivem por lá entre dois mundos.

E, indicando o aparelho à nossa frente, informou:

— Ali está a câmara que no-lo apresentará.

— Por que o globo cristalino? — perguntei, curioso. — Não poderia manifestar-se sem ele?

— E' preciso lembrar — disse Nicolas atenciosamente — que a nossa emotividade emite forças suscetíveis de perturbar. Aquela pequena câmara cristalina é constituída de material isolante. Nossas energias mentais não poderão atravessá-la.

Nesse instante, foi Lírias chamado ao fône por funcionários da Comunicação. Era chegado o momento. Poder-se-ia começar o trabalho culminante da reunião.

Verifiquei, no relógio de parede, que estávamos com quarenta minutos depois da meia noite. Anotando-me o olhar interrogativo, disse Nicolas em voz baixa:

— Sómente agora há bastante paz no recente lar de Ricardo, lá na Terra. Naturalmente, a casa descansa, os pais dormem, e ele, em a nova fase, não permanece inteiramente junto ao berço...

Não lhe foi possível continuar. O Ministro Clarence, levantando-se, pediu homogeneidade de pensamentos e verdadeira fusão de sentimentos.

Fez-se grande quietude, e Clarence disse comovedora e singela prece. Em seguida, Lírias se fez ouvir na cítara harmoniosa, enchendo o ambiente de profundas vibrações de paz e encantamento. Logo após, Clarence tomou novamente a palavra:

— Irmãos — disse — enviemos, agora, a Ricardo a nossa mensagem de amor.

Observei, então, com surpresa, que as filhas e a neta da senhora Laura, acompanhadas de Lírias, abandonavam o estrado, tomando posição junto dos instrumentos musicais. Judit, Iolanda e Lírias tomaram, res-

pectivamente, a seu cargo o piano, a harpa e a cítara, no lado de Teresinha e Eloisa, que integravam o gracioso círculo familiar.

As cordas afinadas casaram os écos de branda melodia e a música elevou-se, carinhosa e divina, semelhante a gorgão celeste. Sentia-me arrebatado a esferas sublimes do pensamento, quando vozes argentinas embalaram o interior. Lisias e as irmãs cantavam maravilhosa canção, composta por eles mesmos.

Muito difícil frasear humanamente as estrofes significativas, cheias de espiritualidade e beleza, mas tentarei fazê-lo por demonstrar a riqueza das afeções, nos planos de vida que se estendem para além da morte:

Pai querido, enquanto a noite
Trás a bênção do repouso,
Recebe, pai carinhoso,
Nosso afeto e devoção!...
Enquanto as estrelas cantam
Na luz que as empalidece,
Vem unir à nossa prece
A voz do teu coração.

Não te perturbes na estrada
De sombras do esquecimento,
Não te dão o sofrimento,
Jamais te firas no mal,
Não temas a dor terrestre,
Recorda a nossa aliança,
Conserva a flor da esperança
Para a ventura imortal.

Enquanto dormes no mundo,
Nossas almas acordadas
Relembram as alvoradas
Desta vida superior;
Aguarda o porvir risonho,
Espera por nós que, um dia,
Volveremos à alegria
Do jardim do teu amor.

Vem a nós, pai generoso,
Volta à paz do nosso ninho,
Torna às luzes do caminho,
Inda que seja a sonhar,
Esquece, um minuto, a Terra
E vem sorver da água pura
De consolo e de ternura
Das fontes de "Nosso Lar".

Nossa casa não te olvida
O sacrifício, a bondade,
A sublime claridade
De tuas lheves no tem;

Atravessa a sombra espessa,
Vence, pai, a carne estranha,
Sobe ao cume da montanha,
Vem conosco orar também.

As derradeiras notas da bela composição, notei que o globo se cobria, interiormente, de substância leitoso-acinzentada, apresentando, logo em seguida, a figura simpática dum homem na idade madura. Era Ricardo. Impossível descrever a sagrada emoção da família, dirigindo-lhe amorosas saudações.

O recém-chegado, após falar particularmente àcompanheira, e aos filhos, fixou o olhar amigo em nós outros, pedindo fosse repetida a suave canção filial, que ouviu banhado em lágrimas. Quando se calaram as últimas notas, falou comovidamente:

— Oh! meus filhos, como é grande a bondade de Jesus, que nos aureolou o culto doméstico do Evangelho com as supremas alegrias desta noite! Nesta sala, temos procurado, juntos, o caminho das esferas superiores; muitas vezes recebemos o pão espiritual da vida e é, ainda aqui, que nos reencontramos para o estímulo santo. Como sou feliz!

A senhora Laara chorava discretamente. Lisias e as irmãs tinham os olhos mareados de pranto.

Percebi que o recém-chegado não falava com espon-

tancidade e não podia dispor de muito tempo, entre nós. Possivelmente, todos ali mantinham análoga impressão, porque vi Judit abraçar-se ao globo cristalino, ouvindo-a exclamar carinhosamente:

— Pai querido, diga o que precisa de nós, esclareça em que poderemos ser úteis ao seu abnegado coração!

Observei, então, que Ricardo pousou o olhar profundo na senhora Laura e murmurou:

— Sua mãe virá ter comigo, em breve, filhinha! Mais tarde virão vocês, igualmente! Que mais poderia desejar, para ser feliz, senão rogar ao Mestre que nos abençoe para sempre?

Todos choravam enternecidos.

Quando o globo começou a apresentar, de novo, os mesmos tons acinzentados, ouvi Ricardo exclamando, quase à despedida:

— Ah! filhos meus, alguma coisa tenho a pedir-lhes do fundo de minha alma! roguem ao Senhor para que eu nunca disponha de facilidades na Terra, a fim de que a luz da graça e do entendimento permaneça viva em meu espírito...

Aquele pedido inesperado me sensibilizou e surpreendeu ao mesmo tempo. Ricardo endereçou a todos saudações carinhosas e a cortina de substância cinzenta cobriu toda a câmara, que, em seguida, voltou ao aspecto normal.

O Ministro Clarenco orou com sentimento e a sessão foi encerrada, deixando-nos imersos em alegria in-descritível.

Dirigia-me ao estrado para abraçar a senhora Laura, exprimindo-lhe de viva voz minha profunda impressão e reconhecimento, quando alguém me atalhou os passos quase junto à dona da casa, que se ocupava a atender às numerosas felicitações dos amigos presentes.

Era Clarenco, que me falou em tom amavel:

— André, amanhã acompanharei nossa irmã Laum á esfera carnal. Se lhe apraz, poderá vir conosco para visitar sua família.

Não podia ser maior a surpresa. Profunda sensação de alegria me empolgou, mas lembrei instantaneamente o serviço das Câmaras. Adivinhando-me, porém, o pensamento, o generoso Ministro voltou a dizer:

— Você tem regular quantidade de horas de trabalho extraordinária a seu favor. Não será difícil a Gênio conceder-lhe uma semana de ausência, depois do primeiro ano de cooperação ativa.

Possuído de júbilo intenso, agradeci, chorando e rindo ao mesmo tempo. Ia, enfim, rever a esposa e os filhos amados.